

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gustavo Henrique das Chagas Moura

A HIPÓTESE SAPIR-WHORF EM PERSPECTIVA: ENTRE LINGUAGEM E PENSAMENTO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientadora: Mercedes Marcilese

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **GUSTAVO HENRIQUE DAS CHAGAS MOURA**, acadêmico do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número de matrícula 202372025A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A HIPÓTESE SAPIR-WHORF EM PERSPECTIVA: ENTRE LINGUAGEM E PENSAMENTO**, desenvolvido durante o período de 04 de novembro de 2024 a 13 de março de 2025, sob a orientação da professora Dra. Mercedes Marcilese, fora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Humanas, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daqueles cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, assumindo total responsabilidade caso se configure o crime plágio ou violação de direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos do autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo o presente.

Juiz de Fora, 13 de março de 2025

Gustavo Henrique das Chagas Moura

Marcar abaixo caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

A HIPÓTESE SAPIR-WHORF EM PERSPECTIVA: ENTRE LINGUAGEM E PENSAMENTO

Gustavo Henrique das Chagas Moura¹

RESUMO

Este trabalho discute a interdependência entre os conceitos de linguagem e pensamento, conforme delineado pela Hipótese Sapir-Whorf (HOIJER, 1954), a partir de uma breve análise de uma seleção das produções intelectuais de Edward Sapir e Benjamin Whorf. Embora a literatura apresente com frequência esse tema como uma hipótese teoricamente formalizada, não há uma concepção única claramente estabelecida pelos autores a este respeito (CUNHA, 2011), tornando indispensável a análise direta da obra de Sapir e de Whorf para uma compreensão aprofundada da relação em questão. O enquadramento teórico de Sapir e Whorf insere-se no contexto da consolidação da abordagem estruturalista na antropologia e pela incorporação do relativismo como perspectiva analítica dos fenômenos culturais e sociais. Tais abordagens enfatizam o papel das estruturas linguísticas na organização do pensamento e da cultura, destacando a relação entre os sistemas de linguagem e os modos de percepção e classificação da realidade. Dessa forma, retomar os escritos originais de Sapir e de Whorf é essencial para uma compreensão contextualizada da questão, permitindo uma análise sobre como esta relação foi interpretada, desenvolvida e contestada ao longo do tempo.

Palavras-chave: hipótese Sapir-Whorf; linguagem; pensamento; cultura.

INTRODUÇÃO

A interdependência entre a cultura e a língua constitui-se como um dos principais fundamentos teóricos que regem o método de análise da antropologia estrutural. Lévi-Strauss (1908-2009), antropólogo cuja obra exerceu maior influência nas ciências sociais no século XX (DESCOLA, 2009), destacou que os sistemas simbólicos — como a mitologia, a arte e as regras sociais — formam redes interdependentes, nas quais a linguagem verbal desempenha um papel articulador fundamental (LÉVI-STRAUSS, 1964; 1973). Assim, sendo a língua compreendida como o principal sistema simbólico da humanidade (FLUSSER, 2007), sua relevância não se restringe apenas à aparente finalidade de comunicação, pois representa, de antemão, a ferramenta essencial de organização da experiência humana. A estrutura interna das línguas naturais, portanto, não só reflete os padrões culturais das comunidades linguísticas, como orienta direções e limites ao modo de interpretar a realidade. Essa perspectiva torna-se mais evidente em análises como as que Lévi-Strauss conduz em *O Sexo dos Astros* (1973), trabalho que examina mitos indígenas relacionados à origem do sol e da lua. Nestas narrativas, a relação estabelecida com o mito de origem dos astros por cada comunidade por ele estudada não atua exclusivamente como um relato cosmogônico, configurando-se como um modelo simbólico para a estruturação das diferenças sexuais e sociais de cada sociedade. Os mitos, portanto, operariam como uma linguagem própria e específica, regida por princípios de oposição e mediação que estruturam o pensamento humano sobre a própria história (LÉVI-STRAUSS, 1973). Desse modo, o conjunto destes sistemas simbólicos — a cultura — não seria um aglomerado arbitrário de comportamentos coletivos, mas, um sistema organizado que opera por meio de contrastes e categorias que encontram sua manifestação mais sofisticada na linguagem. Logo, o significado de cada símbolo emerge das relações — linguisticamente mediadas — entre os elementos culturais que operam dentro de uma estrutura social específica.

Se linguagem e cultura são interdependentes e, por conseguinte, orientam as formas de percepção da realidade, é plausível se afirmar que línguas distintas imprimem recortes específicos da realidade, refletindo particularidades de suas organizações simbólicas e culturais. Nesse contexto, a chamada “Hipótese Sapir-Whorf” (HOIJER, 1954) manifesta-se como uma proposta que associa concepções do antropólogo e linguista Edward Sapir (1884-1939) e de seu aluno e também linguista Benjamin Whorf (1897-1941) para tratar do efeito da língua sobre o pensamento. Mais especificamente, essa hipótese propõe uma reflexão sobre em que medida os sistemas linguísticos podem orientar – ou determinar – a forma como os indivíduos interpretam, organizam e experienciam a realidade. Desse modo, diferentes estruturas linguísticas podem dar origem a formas distintas de categorizar objetos, fenômenos e relações, resultando em variações no modo como os falantes de diferentes idiomas concebem os aspectos concretos e abstratos da realidade.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Mercedes Marcilese.

Considera-se que a Hipótese Sapir-Whorf, assim caracterizada, foi mencionada pela primeira vez durante uma conferência sobre as relações entre linguagem e outros aspectos da cultura, realizada na Universidade de Chicago em 1954. Nesse evento, o antropólogo Harry Hoijer² apresenta um seminário intitulado “*Sapir-Whorf Hypothesis*” (CUNHA, 2011), no qual ele delinea as bases para a discussão sobre a relação entre percepção individual, processos mentais e estruturas linguísticas. Posteriormente, os debates da conferência foram reunidos e publicados no livro *Language in Culture: Conference on the Interrelations of Language and Other Aspects of Culture*, também organizado por Hoijer (1954). Assim, a partir das discussões ocorridas em Chicago, Hoijer buscou articular as ideias de Sapir e de Whorf, de modo que o produto do trabalho sintetizasse a interpretação sobre a relação entre a linguagem e a representação da realidade com base na obra de ambos os autores.

Embora a hipótese em si esteja fundamentada no conjunto da obra de Sapir e Whorf, não há um texto específico em coautoria no qual estes autores desenvolvam explicitamente uma teoria (CUNHA, 2011). A literatura aponta que a formulação da hipótese está baseada em um conjunto de recortes do trabalho de Sapir (MARCONDES, 2010; CUNHA, 2011), enquanto grande parte dos argumentos que são atribuídos a Whorf está contida especialmente em seu artigo “*Relation of Habitual Thought and Behavior to Language*” (1939), publicado no livro *Language, Culture and Personality: Essays in Memory of Edward Sapir* (SPIER et al., 1941). Este texto é considerado essencial (CUNHA, 2011), pois nele o autor apresenta o resultado de suas análises comparativas do estudo da língua *Hopi*, utilizando como referência categorias gramaticais do inglês. Além disso, a epígrafe deste artigo traz uma citação extraída por Whorf do trabalho *The status of Linguistics as a science*, de Sapir (1929), especialmente recortada para introduzir a argumentação do autor sobre a construção inconsciente do “mundo real” a partir da linguagem, argumento principal da hipótese:

O fato inconcusso é que o “mundo real” se constrói inconscientemente, em grande parte, na base dos hábitos linguísticos do grupo. Se vemos, ouvimos e sentimos, de maneira geral, tal como o fazemos, é em grande parte porque os hábitos linguísticos de nossa comunidade predispõem certas escolhas de interpretação (...) (SAPIR, 1929, p. 162 *apud* WHORF, 1939).

Em resumo, a hipótese de Sapir-Whorf sugere uma interdependência entre língua, cultura e pensamento, de modo que a forma como um grupo organiza sua realidade material e social é mediada pelas categorias gramaticais e semânticas de sua língua (MARCONDES, 2010). Não foram encontradas na revisão da literatura definições formais para a “hipótese Sapir-Whorf” (cf. DARNELL, 2006; CUNHA 2011), fato que tem feito alguns pesquisadores abandonarem esta nomenclatura na busca de uma delimitação teórica mais clara (JOSEPH, 1996). Uma conceituação da hipótese Sapir-Whorf encontrada na literatura em contexto brasileiro é a de Marcondes (2010), na qual:

Segundo a hipótese Sapir-Whorf, a língua de uma determinada comunidade organiza sua cultura, sua visão de mundo, pois uma comunidade vê e compreende a realidade que a cerca através das categorias gramaticais e semânticas de sua língua. (...) Um povo vê a realidade através das categorias de sua língua, mas sua língua se constitui com base em sua forma de vida. (MARCONDES, 2010, p. 78).

Assim, a língua não apenas manifesta a diversidade de realidades, como orienta a percepção dos falantes para uma representação específica, de acordo com as estruturas linguísticas disponíveis em seu idioma. Nesse sentido, se uma comunidade linguística dispõe de um repertório lexical e semântico mais detalhado para diferenciar, por exemplo, tons de uma cor específica (como segundo Whorf ocorre com os povos que vivem em ambientes nevados e possuem múltiplos termos para diferentes tonalidades de branco), é provável, segundo a hipótese Sapir-Whorf, que esta comunidade perceba essas variações de forma mais *orgânica* do que aqueles

² Em *The Immediate Sources of the “Sapir-Whorf Hypothesis”*, de John E. Joseph (1996), encontra-se uma menção de que, na verdade, a hipótese Sapir-Whorf foi apresentada inicialmente por John B. Carroll. No entanto, o autor não especifica em qual trabalho de Carroll a hipótese estaria descrita, e não foram encontrados outros trabalhos que corroborem esta afirmação. Assim, seguiremos a literatura que atribui a formulação da hipótese a Harry Hoijer (1954).

cuja língua não distingue estas nuances. Isso não significa, no entanto, que falantes de qualquer língua sejam incapazes de apreender especificidades de outras realidades linguísticas. A formulação da hipótese não postula impedimentos categóricos ao conhecimento ou à experiência sensorial, mas sugere que a estrutura linguística influencia, de forma significativa, a maneira como os indivíduos categorizam e processam as informações ao seu redor. Portanto, a língua atua como um “filtro cognitivo”, direcionando a percepção para aspectos da realidade específicos mediados pela linguagem.

Além disso, a hipótese Sapir-Whorf costuma ser interpretada a partir de dois recortes conceituais: o *relativismo* e o *determinismo* linguístico. A primeira, mais alinhada à perspectiva de Edward Sapir (CUNHA, 2011), interpreta uma interdependência entre linguagem e pensamento sem que, contudo, exista uma relação determinística entre esses aspectos mentais. Nessa abordagem, a língua desempenha a função de orientar e mediar o pensamento, embora fatores extralinguísticos também possam influenciar sua organização. A segunda, o determinismo linguístico, postula de forma sistemática que a linguagem determina o pensamento, não admitindo, ao menos em um primeiro momento, a existência de pensamento significativo sem linguagem. Não é o objetivo deste trabalho, contudo, expor diretamente cada versão da hipótese. No entanto, é relevante destacar que as diferenças entre essas interpretações ainda podem ser compreendidas de dois outros modos: (i) o relativismo e o determinismo linguístico seriam nuances de uma mesma hipótese, possibilitada por compreensões distintas dos argumentos apresentados por Sapir e Whorf; ou (ii) cada uma das vertentes corresponde a interpretações teóricas que geram outras duas hipóteses distintas, com desdobramentos específicos a depender do ponto de vista adotado.

Na ausência de uma definição teórica consolidada, não é possível caracterizar especificamente o conceito de “linguagem” e “pensamento” tratados pela hipótese. Enquanto algumas abordagens contemporâneas, como a “visão comunicativa acerca da linguagem” (cf. SILVEIRA; PERGHER; GRASSI-OLIVEIRA, 2005), questionam a extensão da influência da linguagem, sobretudo verbal, sobre os processos mentais, outras sugerem que esta relação pode ser reformulada à luz de novas descobertas das ciências cognitivas (FLÔRES; GABRIEL, 2012). Estudos experimentais e comparativos têm apontado para uma relação mais dinâmica e flexível entre linguagem e pensamento (CIBELLI, *et al.*, 2016), sugerindo que a hipótese original, ainda que relevante, necessita de ajustes para se alinhar às evidências empíricas disponíveis. Esse debate exige um retorno crítico às fontes originais, revisitando os argumentos de Sapir e Whorf para identificar como os próprios autores se posicionam em relação a esses conceitos, e refletindo como estas ideias foram reinterpretadas pela literatura ao longo do tempo.

Dessa forma, nas seções seguintes, apresentamos uma breve análise do que se entende por 'linguagem' — mais especificamente, 'língua' — e 'pensamento' a partir de trechos da obra de Sapir e Whorf. Para sustentar essa análise, iniciamos com uma contextualização histórica e científica dos autores, destacando os principais fatores que podem ter influenciado o desenvolvimento de seus trabalhos, bem como na formulação da hipótese por Harry Hoijer em 1954. Em seguida, examinamos os argumentos centrais de Sapir e de Whorf sobre a relação entre língua e pensamento a partir de uma seleção de trechos das suas obras. Por fim, retomamos a análise do tema, sintetizando os principais pontos abordados e sugerindo possíveis encaminhamentos para pesquisas futuras na área.

O CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO DA HIPÓTESE

Edward Sapir foi um antropólogo nascido na Prússia (atual Alemanha), que viveu a maior parte da vida nos Estados Unidos. Estabeleceu-se na antropologia sob a influência principal de Franz Boas (1858-1942), e desenvolveu interesses de pesquisa especialmente relacionados ao estudo de línguas indígenas norte-americanas, consideradas, à época, “exóticas” (SAMPAIO, 2018). Bacharel e mestre em filologia germânica, portanto, anteriormente familiarizado com estudos linguísticos, sua aproximação a Franz Boas permitiu com que Sapir se dedicasse também à descrição de línguas que não possuíam tradição escrita, sendo, em sua maioria, ágrafas (SAMPAIO, 2018). Neste contexto, o autor já estava ambientado com o pensamento científico alemão, que incluía autores como Karl Ritter³ (1779-1859), considerado um dos precursores da consolidação da geografia como ciência (RODRIGUES, *et al.*, 2014), e Wilhelm von Humboldt (1767-1959), linguista alemão reconhecido como o primeiro a estabelecer a linguagem humana como um sistema organizado

³ Na literatura também são encontradas menções a este autor como “Carl” Ritter.

por regras (SEGATTO, 2009), além de irmão do influente romancista Alexander von Humboldt (1769-1859) (NASSAR, 2023).

Sapir esteve inserido na mudança do paradigma antropológico que ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX, momento em que se desenvolvia uma nova perspectiva metodológica nas ciências sociais denominada *estruturalismo*, fundamentada, sobretudo, nos trabalhos de Radcliffe-Brown (1881-1955) e Claude Lévi-Strauss⁴ (CUNHA; TAVARES, 2022). No contexto estruturalista, o conceito de *relativismo* enfatizava a complexidade do acesso aos fenômenos de interesse da antropologia, sustentando que o conhecimento humano é apreendido sobretudo por meio das relações entre elementos subjetivos e contextuais, como a historicidade e as particularidades inerentes ao próprio objeto de estudo. Assim, a busca por uma verdade absoluta, tal como pressuposto por algumas tradições filosóficas como o racionalismo ou o idealismo, tornava-se inalcançável, pois todo fenômeno só poderia ser compreendido dentro de uma rede interdependente de elementos que não poderiam ser acessados de maneira isolada. A linguagem verbal, por sua vez, desempenhava um papel central nesse debate, uma vez que a visão etnocêntrica em vigor reforçava a convicção de que as línguas europeias seriam mais desenvolvidas do que as demais línguas humanas, o que perpetuava assim, hierarquias culturais baseadas no critério linguístico⁵. Foi nesse cenário que, em 1929, com a publicação de *The Status of Linguistics as a Science*, Sapir assume uma posição contrastante com o paradigma antropológico anterior, formalizando a noção de “plenitude formal” (SAPIR, 1929) segundo a qual toda língua natural possui a capacidade plena de expressar qualquer conteúdo, desde que seus falantes assim o desejem (CUNHA, 2011). Dessa forma, sua perspectiva alinha-se com uma abordagem que podemos chamar de relativista, na qual os fatores culturais, incluindo a linguagem verbal, são inerentes a cada comunidade e, portanto, não podem ser comparados de maneira categórica.

Em contrapartida, esta antropologia em ascensão buscava consolidar-se como uma disciplina rigorosa, capaz de respaldar seu arcabouço teórico em técnicas consideradas científicas. Paralelamente, a psicologia desenvolvia métodos de observação e análise do comportamento (cf. WATSON, 1913), os quais posteriormente se tornariam ferramentas metodológicas relevantes para os antropólogos e outros pesquisadores das ciências humanas. Essa abordagem proporcionou análises cientificamente fundamentadas de práticas culturais das comunidades de interesse da antropologia a partir dos chamados “comportamentos observáveis”, destacando-se aqui a comunicação, ou seja, a língua “em ação”. Nesse contexto, Benjamin Lee Whorf, engenheiro químico de formação e linguista “amador” (CUNHA, 2011), desenvolveu um interesse crescente pela relação entre linguagem e pensamento, aprofundando seu envolvimento com os estudos linguísticos após assistir à palestra *The Status of Linguistics as Science*, de Edward Sapir, em 1928. Documentos históricos, corroborados por seu diário pessoal (DARNELL, 2006), indicam que, após participar de seminários promovidos por Sapir, Whorf se filiou à *Linguistic Society of America* (LSA) e, anos depois, mudou-se para a comunidade *Hopi*, no Arizona, com o objetivo de estudar a língua indígena de maneira profunda. Entre 1937 e 1938, atuou como assistente de Sapir na Universidade de Yale, ministrando seminários na disciplina *Problems of American Indian Linguistics* (DARNELL, 2006). A partir de um conjunto de experiências relacionadas seu ao trabalho como engenheiro (cf. DARNELL, 2006), Whorf passou a perceber que expressões linguísticas influenciavam o comportamento e a tomada de decisões das pessoas, o que o levou a desenvolver seus próprios argumentos sobre o “princípio da relatividade linguística”. Sua abordagem se afastou parcialmente da de Sapir ao sugerir que certas línguas não apenas moldam a percepção do mundo, mas podem ser mais adequadas para determinados tipos de pensamento científico, o que desafiou as novas perspectivas linguísticas emergentes.

Embora historicamente vinculado ao movimento de mudança de paradigma na antropologia, Whorf adotou uma fundamentação teórica com forte viés determinístico, baseando-se majoritariamente na comparação entre categorias linguísticas do *Hopi* e do inglês, especialmente no que tange às dimensões de espaço e tempo (SAMPAIO, 2018). Seus argumentos derivam, em grande parte, da experiência adquirida nesse estudo de

⁴ Embora o conceito de “estruturalismo” já estivesse presente em obras anteriores à mudança de paradigma na antropologia, como em *As Regras do Método Sociológico*, de Émile Durkheim (1895), a literatura reconhece, retrospectivamente, Radcliffe-Brown e Claude Lévi-Strauss como sendo os principais responsáveis pela difusão dessa perspectiva nas ciências sociais ao longo do século XX (cf. SALES, 2003). O *Curso de Linguística Geral*, de F. de Saussure (1916), também desempenhou um papel central nesse contexto; contudo, houve um intervalo significativo até que os princípios estruturalistas da linguagem fossem plenamente incorporados à metodologia antropológica.

⁵ Este debate remonta à “Gramática de Port-Royal”, do século XVII, na qual se estabelecia os princípios estruturais da linguagem baseados na lógica e na filosofia cartesiana. Em *Cartesian Linguistics: A Chapter in the History of Rationalist Thought*, Noam Chomsky (1966) menciona a Gramática de Port-Royal como um movimento precursor dos argumentos racionalistas sobre a linguagem.

campo. No entanto, devido a certa rigidez teórica e à limitação imposta por uma experiência empírica restrita, pesquisas subsequentes indicaram que sua abordagem poderia ser insuficiente para descrever de forma abrangente as relações entre linguagem e representação da realidade. Por outro lado, releituras posteriores de sua obra (HOIJER, 1954) reconheceram contribuições significativas de Whorf para a interdependência entre linguagem e pensamento e para a formulação da hipótese Sapir-Whorf, especialmente a partir do texto *Relation of Habitual Thought and Behavior to Language* (1939) (CUNHA, 2011).

Dessa forma, a formulação da hipótese Sapir-Whorf insere-se em um debate intelectual mais amplo sobre a relação entre linguagem, pensamento e cultura. Como argumenta Joseph (1996), há um consenso na literatura que estabelece uma conexão entre a tradição germânica de Humboldt e a abordagem desenvolvida por Sapir e Whorf, especialmente no que se refere à noção de “visão de mundo linguística”. Uma das perspectivas amplamente debatidas nesse contexto é a de que essa concepção foi transmitida de Humboldt para Heymann Steinthal (1823-1899), que, por sua vez, influenciou Franz Boas durante seu período em Berlim, particularmente por meio da *Völkerpsychologie*⁶ e de sua influência indireta na antropologia alemã. Posteriormente, Boas teria transmitido essa tradição a Edward Sapir, que a incorporou em sua visão acerca da relação entre linguagem e realidade. Além desse cenário específico, diversos fatores sócio-históricos moldaram o desenvolvimento das obras de Sapir e de Whorf. Neste contexto, destaca-se a tensão entre a herança humboldtiana e as exigências metodológicas do início do século XX, o pragmatismo americano e suas implicações epistemológicas, a influência da filosofia da ciência e da perspectiva lógica de Bertrand Russell (1872-1970), bem como o interesse particular de Whorf pelo misticismo (JOSEPH, 1996).

OS PRINCÍPIOS DA HIPÓTESE: ENTRE CULTURA E COMPORTAMENTO

Considerando que a hipótese Sapir-Whorf está baseada em uma interdependência entre “língua” e “pensamento” (MARCONDES, 2010), mas que a ausência de uma definição unívoca não nos permite delimitar com precisão o significado atribuído a estes conceitos, consideramos relevante tentar identificar como Edward Sapir e Benjamin Whorf os definem ao longo de suas obras. Embora suas perspectivas teóricas estejam associadas, sobretudo pela influência de Sapir no trabalho de Whorf (CUNHA, 2011), cada autor desenvolve uma análise específica sobre a conceituação destas noções fundamentais. Sapir, imerso no contexto da antropologia linguística, elabora uma relação entre língua e pensamento a partir de fenômenos sociais profundamente enraizados na cultura (SAPIR, 1921). Esta abordagem se apoiava em etnografias realizadas com tribos indígenas norte-americanas, bem como no estudo comparativo de estruturas linguísticas a partir de arquivos de outros autores, como Franz Boas. Além disso, Sapir também levava em consideração sua formação em filologia, o que lhe permitia uma análise enriquecida sobre a língua e os fenômenos culturais.

Whorf, por sua vez, direcionou sua análise para o que hoje seria denominado de “processos cognitivos”, abordando de forma mais aprofundada os fenômenos mentais subjacentes à linguagem. Adotando uma perspectiva mais centrada na estrutura linguística do que nos objetivos tradicionais da etnografia, o autor investigou como diferentes sistemas linguísticos poderiam estar relacionados a percepções específicas da realidade (WHORF, 1939). Embora tenha realizado um estudo de campo com os indígenas *Hopi*, como mencionado anteriormente, sua abordagem se afastou do objetivo de apreensão daquela cultura. Em vez disso, concentrou-se na comparação das estruturas linguísticas do *Hopi* com o inglês. Nesse processo, Whorf aproximou-se de uma vertente mais psicológica e comportamental, adotando uma concepção de linguagem e cultura fundamentada nos chamados “hábitos linguísticos”. Estes, compreendidos por Whorf como comportamentos, definem o indivíduo a partir de sua relação com o social, estruturando sua percepção de si mesmo e de seus processos mentais (WHORF, 1939). Assim, a relação entre linguagem e pensamento reside na maneira como os hábitos linguísticos específicos de uma comunidade organizam os comportamentos sociais e, por conseguinte, a cultura.

Ambos os autores compartilham a perspectiva de que linguagem e cultura são indissociáveis, de modo que a constituição do pensamento está diretamente relacionada à estrutura linguística específica de cada sociedade. No entanto, a diferença entre seus princípios teóricos, embora sutil, pode ter sido um dos fatores que contribuíram para a formulação da hipótese Sapir-Whorf em 1954. Como não há registro de um texto

⁶ “Psicologia dos povos”, em uma tradução livre. Em 1916, Wilhelm Wundt publica o trabalho *Elemente der Völkerpsychologie*, um marco histórico no desenvolvimento da psicologia ocidental.

desenvolvido em conjunto que formalizasse essa hipótese, a associação dos argumentos de Sapir e Whorf pode ser interpretada como uma tentativa posterior da literatura de complementar a forma como a relação entre linguagem e pensamento é tratada na obra individual de cada um desses autores.

CULTURA, LINGUAGEM E PENSAMENTO EM EDWARD SAPIR

Para a análise dos conceitos de “linguagem” e “pensamento” desenvolvidos por Edward Sapir, fundamentamos nossa discussão em duas obras do autor: *Language and Its Definition* (1921) e *Language, Race and Culture* (1921), capítulos de *Language: An Introduction to the Study of Speech*, publicado em 1921. Esse recorte oferece uma base relevante para um breve debate sobre a relação entre esses processos mentais.

No que diz respeito à linguagem, o autor apresenta uma definição que parece permanecer estável ao longo de sua obra:

É um método puramente humano e não-instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos (SAPIR, 1921, p. 14).

A fala, portanto, não deve ser vista como uma atividade mecânica e automática gerada apenas pelos órgãos responsáveis pela articulação, mas como um processo complexo e altamente coordenado que envolve uma incorporação detalhada de fatores fisiológicos, mentais e sociais (SAPIR, 1921). O objetivo central desse processo é a comunicação, que, por sua vez, está profundamente conectada às estruturas mentais dos falantes. Considerando o envolvimento de Sapir diretamente no estudo da fonologia⁷ (CÂMARA JR., 1980), percebe-se de antemão um alinhamento do autor com um domínio mais subjetivo da linguagem. A fonologia, enquanto disciplina, não se restringe ao estudo dos sons concretos da fala em si, mas examina sua organização e representação mental dentro do sistema linguístico. Por outro lado, o autor se concentrou em investigar a função e a estrutura desses sistemas arbitrários de simbolismo, conhecidos como “língua”, em vez de explorar os processos psicofisiológicos tradicionalmente associados à produção da fala (SAPIR, 1921).

Ao longo da obra de Edward Sapir, observa-se uma recorrente menção ao conceito de “pensamento”, embora sem uma definição sistemática do termo. No conjunto dos textos analisados, percebe-se que alguns argumentos do autor em relação ao tema ainda estavam em desenvolvimento. Nesse estágio de sua produção intelectual, Sapir diferencia o pensamento de uma mera evocação de imagens mentais, sugerindo que o primeiro opera em um nível mais elaborado e estruturado. O autor argumenta que é possível que haja uma espécie de “roupagem” (SAPIR, 1921) conferida pela linguagem ao pensamento, indicando que sua concepção se aproxima do que, na literatura contemporânea, poderíamos denominar como pensamento verbal. Para Sapir, a concepção de um pensamento ou raciocínio, tal como processo mental altamente elaborado, completamente desvinculado da linguagem é uma “ilusão” (SAPIR, 1921). No entanto, a análise de seu argumento sugere que o autor distingue entre diferentes formas destas manifestações mentais, admitindo a possibilidade de um pensamento estruturado que, embora não dissociado da linguagem, possa operar em padrões mais abstratos. Um aspecto central refere-se à distinção entre a categorização da experiência e a percepção do mundo. A categorização, enquanto processo mental, parece ser, segundo Sapir, intrinsecamente dependente da linguagem, na medida em que implica a atribuição de rótulos e a organização conceitual da realidade. O ato de categorizar pressupõe um sistema simbólico que só se concretiza por meio da linguagem. Por outro lado, a percepção do mundo em sua forma mais superficial, isto é, as impressões sensoriais captadas pelos órgãos dos sentidos e processadas de maneira não reflexiva, pode ocorrer independentemente da linguagem. Nesse sentido, Sapir parece reconhecer uma distinção entre os níveis mais elementares dos processos mentais – aqueles que envolvem estímulos e respostas sensoriais inconscientes – e os processos superiores, cuja formulação depende diretamente da estrutura linguística.

Considerando o aspecto antropológico e cultural, como mencionado anteriormente, Edward Sapir argumenta que o pensamento é profundamente modelado pela cultura e estruturado, em grande parte, por meio da linguagem. No entanto, o autor exclui da sua discussão a possibilidade de uma determinação do pensamento por fatores biológicos (cf. SAPIR, 1921), contrastando com o paradigma antropológico da época. Desse modo,

⁷ Mesmo que não haja registros explícitos de referências à “fonema” na obra de Edward Sapir (CÂMARA JR., 1980).

Sapir (1921) refutava concepções essencialistas que vinculam a capacidade mental a diferenças raciais ou hereditárias, destacando, em vez disso, a influência dos contextos socioculturais na forma como os indivíduos organizam e interpretam o mundo. O autor enfatiza que a cultura e a língua, embora interligadas, não possuem uma relação de causalidade rígida. A estrutura linguística de um grupo não determina *estritamente* sua visão de mundo ou suas práticas culturais, pois os seres humanos possuem flexibilidade intelectual e são capazes de transitar entre diferentes sistemas culturais e linguísticos. No entanto, Sapir reconhece que a linguagem desempenha um papel fundamental na mediação da experiência e na categorização da realidade, com efeitos sobre os modos de pensar e estruturar o conhecimento de mundo. Nesse cenário, o autor desafia uma lógica filosófica que desejava a fixidez de uma única verdade tida como absoluta, ao relativizar o conhecimento de mundo dos grupos sociais às estruturas linguísticas de cada língua específica. Ao rejeitar qualquer vínculo biológico direto entre língua, cultura e processos mentais, Sapir reforça o argumento de que o pensamento não é um fenômeno fixo ou universal, mas sim construído e transformado em interação com o meio social.

Em síntese, Edward Sapir investiga a relação entre pensamento, linguagem e cultura, enfatizando que o pensamento não se reduz a uma simples evocação de imagens mentais, tampouco é algo que preexistisse essencialmente à própria vida, mas constitui um processo estruturado e intrinsecamente mediado pela linguagem (SAPIR, 1921). Embora reconheça diferentes manifestações do pensamento, é possível distinguir entre os fenômenos mentais relacionados aos processos de categorização da experiência e a percepção sensorial. Para Sapir, a categorização, enquanto operação mental que organiza e atribui significado ao mundo, é indissociável da linguagem, pois depende de um sistema simbólico para se concretizar. Em contrapartida, a percepção sensorial, que envolve a captação de estímulos externos pelos órgãos dos sentidos, pode ser processada de forma mais automática e menos elaborada pelos sistemas mentais, o que poderia ocorrer em sua estrutura mais básica, portanto, independente dos limites da linguagem.

BENJAMIN WHORF: HÁBITOS LINGUÍSTICOS E COMPORTAMENTO

Para a discussão dos conceitos “linguagem” e “pensamento” em Whorf, nossa análise está baseada no texto *"Relation of Habitual Thought and Behavior to Language"* (1939), publicado no livro *Language, Culture and Personality: Essays in Memory of Edward Sapir* (SPIER et al., 1941). Diferentemente de Sapir, cuja teoria foi formulada a partir de uma visão abrangente da cultura, Whorf adotou uma abordagem mais contextualizada, fundamentada em sua experiência sobre a língua *Hopi*. Como Sapir já havia estabelecido os princípios da relação entre linguagem e pensamento, sua produção serviu de base teórica para que Whorf aprofundasse essa discussão em um contexto mais específico. Assim, Whorf parece ter dedicado menos atenção a definições conceituais, concentrando-se, em vez disso, nas implicações da estrutura linguística para a percepção da realidade.

Desse modo, Whorf introduz uma abordagem segundo a qual, para além do dito pensamento, a linguagem exerce uma forte influência no comportamento individual e social dos seres humanos. Whorf argumenta que os hábitos linguísticos são estruturadores fundamentais da percepção e interação com a realidade. O autor demonstra como padrões gramaticais e lexicais condicionam não apenas a maneira como uma comunidade pensa, mas também o modo como age. Whorf exemplifica essa relação ao relatar episódios de sua experiência na indústria de seguros, em que o uso de termos como *"empty gasoline drums"* levava os trabalhadores a subestimar o perigo, uma vez que *"empty"* em inglês implica ausência de conteúdo, quando na realidade os barris continham vapores inflamáveis (WHORF, 1939). Segundo o autor, este exemplo ilustra como padrões linguísticos automáticos influenciam decisões cotidianas, revelando o papel da linguagem na construção de esquemas mentais e comportamentais. Neste sentido, a ideia de *"realidade objetiva"* é, para Whorf, mediada pela língua, de forma que as reações a eventos externos são condicionadas por categorias gramaticais e semânticas (WHORF, 1939). O pensamento do autor insere-se, portanto, em um debate filosófico secular sobre a natureza do *"real"*. Ao comparar as línguas indo-europeias ao *Hopi*, Whorf observa que, enquanto as primeiras concebem o tempo de forma linear e segmentada (passado, presente e futuro), a *Hopi* o trata como um fluxo contínuo, sem distinções formais entre tempos verbais (WHORF, 1939, p. 201). Essa diferença gramatical supostamente estaria refletida no comportamento: os falantes de *Hopi* tenderiam a organizar suas atividades com base na preparação para eventos futuros enfatizando um conceito cíclico de tempo, enquanto os falantes de inglês e outras línguas indo-europeias segmentam a experiência em unidades discretas de tempo. Desta forma, a abordagem do autor também desafiava a tradição ocidental ao questionar categorias fundamentais

como tempo e espaço, conceitos que, na filosofia e na ciência europeias, costumavam ser tratados como universais.

Tal como para Sapir, a linguagem, para Whorf, é também um sistema subjetivo de classificação, no entanto, é um mecanismo complexo que permeia o modo como organizamos o conhecimento e interpretamos o mundo. O autor argumenta que a estrutura gramatical das línguas indo-europeias impõe uma divisão entre "coisas" e "substâncias", resultando em uma visão dualista da realidade (WHORF, 1939). Em contraste, o *Hopi* prioriza categorias verbais e adverbiais que enfatizam processos e estados em vez de entidades fixas. Essa diferença linguística impacta profundamente a forma como seus falantes concebem conceitos abstratos como tempo e espaço. Whorf defende que a linguagem estrutura o pensamento humano de maneira determinante, argumentando que a forma como categorizamos a realidade é condicionada pela estrutura da língua que usamos, o que significa que diferentes comunidades linguísticas possuem diferentes compreensões de mundo. O autor ilustra esse ponto ao analisar a ausência de metáforização espacial na língua *Hopi*, que contrasta com a tendência das línguas indo-europeias de descrever conceitos abstratos por meio de metáforas espaciais. Assim, Whorf sugere que os falantes de *Hopi* concebem experiências temporais e ontológicas de maneira distinta, sem recorrer às mesmas categorias de "passado", "presente" e "futuro" comuns na tradição ocidental.

Em síntese, o autor não define de maneira precisa os conceitos de linguagem e pensamento na referência selecionada. Essa ausência pode estar relacionada, ao menos em parte, à possibilidade de que Sapir e Whorf compartilhassem uma compreensão semelhante desses elementos, o que reduziria a necessidade de uma redefinição explícita, ou ao fato de que não houvesse uma única forma de conceituar linguagem e pensamento. Nesse sentido, Whorf não apenas dá continuidade às reflexões de Sapir, como busca expandi-las, aplicando uma abordagem mais contextualizada. Ao investigar a relação entre linguagem e pensamento em diferentes sistemas linguísticos e culturais, o autor aprofunda a discussão ao considerar como as particularidades da linguagem podem influenciar a percepção e a categorização da realidade. Assim, sua contribuição não se limita à ratificação da argumentação de Sapir, mas propõe novos desdobramentos que ampliariam futuramente o escopo da hipótese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho traz uma breve discussão no que diz respeito à complexidade inerente à relação entre linguagem, cultura e pensamento, conforme ficou conhecido como Hipótese Sapir-Whorf. Com base na interdependência desses elementos, analisa-se de modo sucinto a contribuição de Edward Sapir e Benjamin Whorf para a consolidação dessa discussão, considerando as especificidades de suas respectivas abordagens sobre o objeto de estudo. Enquanto Sapir concebe a linguagem como um elemento fundamental da estrutura simbólica das sociedades, Whorf aprofunda-se na análise dos hábitos linguísticos e de sua influência na percepção e no comportamento humano. Esta distinção não apenas explicita as múltiplas dimensões da hipótese, como também ressalta a necessidade de uma delimitação conceitual mais precisa de seus fundamentos. Considerar o contexto histórico e epistemológico permite compreender que a formulação da hipótese não decorreu diretamente das produções de Sapir e Whorf, mas sim de uma síntese realizada posteriormente por estudiosos como Harry Hoijer. Esse processo pode ter contribuído para uma imprecisão conceitual sobre a hipótese, particularmente no que diz respeito à distinção entre o relativismo e o determinismo linguístico. A perspectiva relativista, normalmente associada a Sapir, sugere que a linguagem orienta o pensamento sem necessariamente determiná-lo, ao passo que Whorf, em suas análises comparativas, propôs argumentos que foram interpretados como uma defesa de um determinismo mais rígido. A ausência de consenso sobre os limites e as implicações da hipótese levanta desafios significativos para a pesquisa em Linguística que se interessa pelo tema.

Além disso, a relação entre Sapir e Whorf ilustra um ponto central na historiografia da hipótese: embora ambos compartilhassem o pressuposto da interdependência entre linguagem e pensamento, seus enfoques metodológicos e conceituais apresentavam diferenças significativas. A associação de seus argumentos em uma hipótese única acabou por gerar ambiguidades, tornando necessário distinguir suas respectivas contribuições com mais precisão para evitar generalizações indevidas. Diante dessas considerações, a Hipótese Sapir-Whorf permanece como um referencial histórico fundamental para os estudos sobre a relação entre linguagem, cultura e pensamento. No entanto, seus pressupostos exigem revisões que possibilitem um enquadramento mais

preciso e compatível com as pesquisas atuais. O aprofundamento nesse campo de estudo pode beneficiar-se de análises interdisciplinares que incorporem contribuições da linguística, da antropologia e das ciências cognitivas. Assim, o debate iniciado por Sapir e Whorf continua a estimular novas reflexões e investigações, consolidando-se como um campo fértil para pesquisas futuras que busquem compreender, de maneira mais rigorosa, os efeitos da linguagem verbal na construção das realidades humanas.

REFERÊNCIAS

CÂMARA JR. J. M. Prefácio à edição traduzida. In: SAPIR, E. **Linguagem**: introdução ao estudo da fala. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980 [1921].

CHOMSKY, N. **Cartesian Linguistics**: A chapter in the history of rationalist thought. 3 ed. Cambridge: Cambridge Press, 2009 [1966].

CIBELLI, E.; XU, Y.; AUSTERWEIL, J. L.; GRIFFITHS, T. L. The Sapir-Whorf Hypothesis and Probabilistic Inference: evidence from the domain of color. **PLoS ONE**, v. 11, n. 7, jul. 2016.

CUNHA, A. P. Contrastando Sapir (d)e Whorf. **Revista do Seta: Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp**, v. 5, 2011. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1279> Acesso em: 12 mar. 2025.

CUNHA, J. G.; TAVARES, T. Diálogos estruturais: o conceito de estrutura em Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss. **Revista de Ciências Sociais da UFPE**, v. 6, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/idealogando/article/view/243046> Acesso em: 13 mar. 2025.

DARNELL, R. Benjamin Lee Whorf and the Boasian foundations of contemporary ethnolinguistics. In: JOURDAN, C.; TUIITE, K., **Language, Culture and Society**, , 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 82-95

DESCOLA, P. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estudos Avançados**, v. 23, n. 67, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/VpfXWvyp8gBkhs8MSppnszc/> Acesso em: 11 mar. 2025

FLÔRES. O. C.; GABRIEL, R. Da relação pensamento e linguagem ao estudo interdisciplinar da mente. **Linguagem em (dis)Curso**, v. 12, n.1, abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/hZmnqHSr4gBdRFRZGDSqxym/> Acesso em: 10 mar. 2025.

FLUSSER, V. **Língua e realidade**. 3 ed. São Paulo: Editora Annablume, 2007 [2004].

HOIJER, H. **Language and culture**: conference on the interrelations of language and other aspects of culture. 1 ed. Chicago: University of Chicago Press, 1954.

JOSEPH, J. H. The immediate sources of the “Sapir-Whorf” hypothesis”. **Historiographia Linguistica**, v. 23, n. 3, 1996.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural Dois**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, , 1973 [1958].

LÉVI-STRAUSS, C. **Structural analysis in linguistics and in anthropology**, 1 ed. Nova York: Editora Routledge, 1964.

MARCONDES, D. **Textos básicos da linguagem**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

NASSAR, D. “**Alexander von Humboldt**” Stanford Encyclopedia of Philosophy, (Fall 2023 Edition), ZALTA, N. E.; NODELMAN, U., (ed.) Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2023/entries/alexander-humboldt/> Acesso em: 12 mar. 2025.

RODRIGUES, A. J.; SILVA, J. A. B.; BARROSO, R. C. A.; VIEIRA, J. D. O Surgimento da Ciência Geográfica, Alexander von Humboldt e Karl Ritter. **Ciências Humanas e Sociais Unit**, v. 2, n. 2, p. 221-230, out. 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1725> Acesso em: 13 mar. 2025.

SALES, L. S. Estruturalismo: história, definições, problemas. **Revista de Ciências Humanas**, n. 33, p. 159-188, abr. 2003.

SAMPAIO, R. D. Linguagem, cognição e cultura: a hipótese Sapir-Whorf. **Cadernos do IL**, n. 56, p. 229-240, mai. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/83356> Acesso em: 09 mar. 2025.

SAPIR, E. **Linguagem**: introdução ao estudo da fala. Tradução de Mattoso Câmara Jr. Cambridge: Cambridge Press, 1971[1921].

SAPIR, E. The Status of Linguistics as a Science. **Language**, v. 5, n. 4, p. 207-214, dez. 1929.

SEGATTO, A. I. Sobre pensamento e linguagem: Wilhelm von Humboldt (trad.) **Trans/formação**, v. 32, n. 1, p. 193-198, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/S67F6Xt67JtV4z6NQFnnKc/> Acesso em: 11 mar. 2025.

SILVEIRA; R. A. T.; G. K. PERGHER; GRASSI-OLIVEIRA R. Linguagem e pensamento: visão (supra) comunicativa acerca da linguagem. **Ciências e Cognição**, v. 6, n. 1, nov. 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-58212005000300009&script=sci_arttext Acesso em: 12 mar. 2025.

SPIER, L.; HALLOWELL, I.; NEWMAN, S. S. **Language, Culture, and Personality: Essays in Memory of Edward Sapir**. Los Angeles: University of California Press, 1941.

WATSON, J. B. Psychology as the behaviorist views it. **Psychological Review**, v. 20, n. 2, p. 158-177, 1913.

WHORF, B. L. The relation of habitual thought and behavior to language. **A Review in General Semantics**, v. 1, n. 4, p. 197-215, 1944[1939].